ASSINE JÁ »
Jornal Água & Ambiente

NOTÍCIAS
MULTIMÉDIA
OPINIÃO ANGOLA
OPINIÃO BRASIL
COMENTADORES SEMANAIS
COLUNISTAS MENSAIS
. AMBIENTE
. ÁGUA
. ÁGUA - APOIOS COMUNITÁRIOS
. ÁGUA - TECNOLOGIA
. ÁGUA - TENDÊNCIAS
. ÁGUA - GESTÃO DE ATIVOS
. ÁGUA E RESÍDUOS - REGULAÇÃO
. ÁGUA - EDUCAÇÃO AMBIENTAL
. ENERGIA
. ENERGIA - TECNOLOGIA
. ENERGIA - TENDÊNCIAS
. ENERGIA - APOIOS COMUNITÁRIOS
. ENERGIA - RENOVÁVEIS
. ENERGIA - UNIÃO EUROPEIA
. RESÍDUOS
. RESÍDUOS - TECNOLOGIA
. RESÍDUOS - TENDÊNCIAS
. RESÍDUOS - APOIOS COMUNITÁRIOS
. RESÍDUOS - RECOLHA
OPINIÃO
PRESS RELEASE
EDITORIAL JORNAL ÁGUA&AMBIENTE
JORNAL ÁGUA & AMBIENTE

TWITTER

@cienciaviva
2021-02-26 10:50

@cienciaviva RT @ibetportugal:
2021-02-25 11:05

2020 foi um ano de retração para a internacionalização no setor da água

TAGS: água , PPA , internacionalização , cluster português da água

24.02.2021

O ano de 2020 representou uma clara interrupção, quer num processo de gradual recuperação do nível de atividade global iniciado em 2015, quer no processo de crescente internacionalização do cluster português da água, com uma retração de 51% no volume de atividade global e de 60% no volume de atividade internacional, contra um crescimento de 27% e 22%, respetivamente. Esta é uma das principais conclusões do inquérito anual lançado pela PPA – Parceria Portuguesa para a Água com o objetivo de fazer o balanço da atividade internacional.

De notar que, como referido, desde 2015 o mercado vinha num crescente caminho de recuperação da atividade global, sendo que em 2019 o valor de retração no volume de atividade global foi apenas de 13% e quanto à atividade internacional de 27%.

Esta retração é ainda visível na percentagem de empresas que em 2020 conseguiu iniciar atividade num novo mercado geográfico, número que se situou abaixo de 30%, abaixo do patamar de 50% que vinha sendo consistentemente observado desde 2012.

Porém, um fator positivo reside na manutenção do grau e intensidade de participação em concursos internacionais por mais de metade (62%) das entidades representadas, sendo igualmente visível um alargamento nas geografias onde são exploradas estas oportunidades.

O inquérito, cujos resultados se reportam ao ano de 2020, decorreu entre janeiro e fevereiro deste ano e contou com a participação de cerca de 45 empresas e centros de investigação. Actualmente, a PPA integra mais de 100 associados organizados em 4 componentes: empresas, centros de investigação, associações não governamentais e administração pública, reflectindo assim uma representatividade muito significativa do cluster português da água.

Em termos numéricos, a maioria do universo representado corresponde a empresas de pequena e média dimensão, que globalmente representa 830 milhões de euros de volume de negócios e um total de 10,7 mil colaboradores, para mais de metade das quais as actividades internacionais assumem já um peso muito significativo.

A PPA tem por missão contribuir para a internacionalização do sector português da água, no qual as empresas associadas se posicionam em toda a sua cadeia de valor.

Vai gostar de ver

MUNICÍPIOS SUBSIDIAM CUSTOS COM RESÍDUOS URBANOS EM 100 MILHÕES DE EUROS
23.02.2021

CARLOS MARTINS ANUNCIA MAIS 70 MILHÕES PARA AGREGAÇÕES NA ÁGUA
29.09.2017

INOVAÇÃO PARA ABRIR CAMINHO À ECONOMIA CIRCULAR: DIANE D'ARRAS. IWA (COM VÍDEO)
28.09.2017

VOLTAR

CONTACTOS

APARTADO 0240025
EC CAMPO DE OURIQUE – LISBOA
1250-997 LISBOA

Tel.: +351 916 751 224
Email: marketing@about.pt

SUBSCREVER NEWSLETTER AGUA&AMBIENTE ONLINE

Nome * Email *
Telefone * Empresa *
Morada * Código Postal e Localidade *
* campos obrigatórios
ENVIAR

aboutmedia
antecipamos o futuro

Brand Channel
-TALKS-
Acompanhe em direto na plataforma multimédia JETV, em www.jornaleconomico.pt

Descubra os desafios que o sector da água enfrenta e como a inovação tecnológica pode ajudar a ultrapassá-los.
Esperamos por si!

25 novembro | 17h00

Patrocinador

O Jornal Económico

ESPECIAL

Futuro da Água

O RECURSO MAIS PRECIOSO

Portugal enfrenta cada vez mais problemas de escassez de água. Os períodos de seca têm sido mais frequentes e, ao mesmo tempo, a rede de distribuição continua a ser pouco eficiente em várias regiões do país, registando perdas de água que podem chegar aos 30%. Neste Especial analisamos os desafios e os caminhos para o futuro de um sector que gere um recurso indispensável à Vida.

ANÁLISE
Portugal desperdiça 515 milhões de litros de água por dia P2

ENTREVISTA
Eduardo Marques
Presidente da AEPSA
"Estado tem vindo a violar regras da concorrência" P4

ENTREVISTA
João Pedro Matos Fernandes
Ministro do Ambiente e da Ação Climática
Leilão para centrais solares em barragens a 24 de novembro P6

FÓRUM
O risco de escassez é real em Portugal? Como deve ser mitigado? P10

de 20%, mas há que contar com um nível crescente de exigências de qualidade, universalidade, continuidade e sustentabilidade dos serviços, bem como com planos de contingência perante as alterações climáticas que se traduzem em cheias, secas, quebras no abastecimento em soluções de fontes alternativas de água. As alterações climáticas e a pandemia evidenciaram a importância do uso racional da água enquanto bem básico, mas escasso. Por isso, as entidades gestoras têm de saber gerir este recurso mineral escasso de forma sustentada, eficiente e sem desperdícios e, por seu lado, os consumidores têm de ganhar consciência quanto ao consumo da água.
O grande desafio é garantir a segurança da água, em duas vertentes. Na vertente *safety*, é preciso garantir a qualidade da água para diferentes fins como consumo humano, rega, fins industriais ou usos recreativos, por exemplo, assim como prevenir e ter capacidade de resposta para situações de emergência decorrentes de acidentes derivados de causas naturais, como, por exemplo, eventos climáticos extremos. É por isso que há uma metodologia de avaliação do risco que integra o quadro regulamentar do controlo da qualidade da água destinada ao consumo humano. Na vertente *security*, trata-se de prevenir incidentes como ações humanas intencionais para afetar negativamente a qualidade da água e a capacidade de a fazer chegar continuamente às torneiras.
2. A questão de fundo na água é a sustentabilidade, no ambiente em geral, na gestão do bem e na sustentabilidade económica das empresas e entidades do sector. Reduzir a escassez de água implica adotar procedimentos de gestão eficiente da água como por exemplo, controlar perdas em sistemas de abastecimento; diminuir o consumo excessivo; dispor de reservas hídricas; garantir aos sistemas a necessária flexibilidade e resiliência, em caso de emergência; otimização energética.
É imperativo reduzir as perdas de água nas redes públicas e isso implica investimento, mas é um problema que deve ser encarado por todo o ecossistema das entidades que gerem o sector, a nível nacional e internacional.

RUI GODINHO
Presidente do Conselho Diretivo da APDA - Associação Portuguesa de Distribuição e Drenagem de Águas

1. As alterações climáticas são, sem dúvida, o maior desafio com que o sector da água se defronta. Mas existem outras fragilidades iminentes e que precisam de ser devidamente tratadas: ativos antigos, perdas de água e água não faturada, bem como sustentabilidade económico-financeira dos serviços, para a qual é urgente uma política tarifária assente num Regulamento Tarifário assumido por todos os *stakeholders*, que seja tecnicamente equilibrado e acessível à generalidade das entidades gestoras, nomeadamente as de pequena dimensão, que promova a segurança hídrica e alimentar, e concorra para um maior equilíbrio dos ecossistemas terrestres e marinhos, bem como para defesa da respetiva biodiversidade. Importa também trabalhar para obter o "reconhecimento pelos utilizadores do valor da água e dos serviços", pois é pouco conhecida da população em geral a dimensão do investimento e o peso dos custos de exploração e manutenção necessários para levar a água às torneiras e aos outros usos essenciais ou mesmo para a despoluição e qualidade das massas de água dos meios recetores. O crescimento populacional a nível mundial é outra das vulnerabilidades significativas a ter em conta, já que a procura global pelos recursos hídricos vai ultrapassar largamente a oferta, devido às crescentes situações de escassez e de secas que se verificam em quase todos os continentes.
2. Portugal dispõe de significativas quantidades de águas subterrâneas, armazenadas em aquíferos confinados por diferentes formações geológicas, em geral de boa qualidade, consoante a região em que se encontram e a intensidade de exploração a que são sujeitas. Porém, a intensificação da sua exploração e sobre-exploração para diferentes usos, com vista a responder a crescentes necessidades de abastecimento urbano, industrial, agricultura intensiva ou para irrigação de equipamentos desportivos ou de lazer, tem vindo a aumentar exponencialmente e a provocar perturbações preocupantes na garantia da adequada conservação das respetivas disponibilidades e o seu uso sustentável.
Os Relatórios das Organizações Internacionais são claros quanto às crescentes incertezas e natureza errática das disponibilidades de água: até 2050 as cidades e regiões terão menos 2/3 das reservas de que dispunham em 2015; aumentará fortemente a competição pelo seu uso com a utilização desta na agricultura intensiva e na produção de energia. A escassez já se faz sentir e irá estender-se à África Subsaariana, bem como à Bacia do Mediterrâneo e Sul da Europa.
As situações que vêm sendo verificadas em Portugal - secas cada vez mais frequentes e prolongadas, que resultam num acentuar da escassez de reservas no Algarve, Sudoeste e Interior Alentejano, e Centro Interior, progredindo para as Bacias do Centro e Norte, associadas a frequentes captações ilegais em "volume morto" de várias albufeiras, bem como a captações descontroladas e intensivas em importantes aquíferos - colocam o país perante perigosos cenários quanto às nossas disponibilidades futuras.

CARLOS COELHO
Presidente da Comissão Diretiva da Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos (APRH)

1. Podem-se referir vários desafios futuros, indicando-se apenas alguns exemplos. Será um desafio produzir alimentos e abastecer as populações, sem descurar as necessidades hídricas dos ecossistemas. A água subterrânea nas cidades pode ser uma fonte de água, mesmo sem a qualidade necessária para consumo humano, devendo-se garantir que a impermeabilização dos solos na cidade não deve aumentar, mas sim diminuir. Devem-se criar redes de monitorização da qualidade e quantidade da água, espacialmente e temporalmente representativas, permitindo verificar o seu estado, e separar a influência das condições meteorológicas, das causas antrópicas. Por fim, a subida das águas do mar conduz à salinização de aquíferos costeiros e à perda irreparável de reservas subterrâneas devido às especiais relações água doce-água salgada em aquíferos costeiros.
2. As alterações climáticas não vão provocar a perda ou escassez de água no mundo. A água será sempre a mesma. A questão, determinante, são as muito significativas alterações do regime hídrico global e as suas traduções ao nível regional e local, com aumento de recursos numas regiões, diminuição noutras e, principalmente, uma aceleração de ritmos. O aquecimento global tem consequências que se vão sentir em todo o Ciclo da Água. Os modelos climáticos preditivos para Portugal apontam, não só para escassez e irregularidade dos períodos pluviosos, mas também para uma concentração, por vezes fora das épocas correntes. Nas bacias hidrográficas será necessário implementar políticas de retenção de água nos solos, de recarga artificial dos aquíferos com excedentes, assim como políticas públicas que fomentem a poupança e eficiência dos regadios e, dos sistemas de distribuição. É essencial a formação profissional de técnicos, decisores e agentes que possam tomar decisões que afetem este recurso.

JOSÉ SALDANHA MATOS
Presidente da Parceira Portuguesa para a Água (PPA)

1. Atualmente a água já enfrenta muitos desafios, que tudo indica que se vão agravar no futuro, mas de uma forma muito desigual, no espaço e no tempo (ao longo do ano). É praticamente seguro, do ponto de vista científico, o agravamento do risco de eventos extremos, isto é, de secas e inundações, e o aumento do nível médio do mar, e por isso de intrusão salina e contaminação de aquíferos costeiros, entre outros efeitos. À escala global, crê-se que os maiores desafios respeitem a disponibilidade e o acesso a água e saneamento seguros em meio urbano, onde se concentrarão, num futuro não muito longínquo, mais de 67% da população mundial, em particular nos países de baixo rendimento, onde a taxa de crescimento populacional é mais acentuada.
2. O risco de escassez de água é real em Portugal, como prova a ocorrência de seca do verão/outono de 2017, que afetou de forma dramática partes importantes de Portugal, e que obrigou a adoção de medidas extremas, como em Viseu. A mitigação do risco de escassez da água resultará da conjugação de um conjunto de iniciativas, que passam por investimentos em infraestruturas e por medidas não físicas, de aumento de conhecimento e práticas inovadoras, de educação e de alteração de hábitos de consumo.

MÁRIO SAMORA
Coordenador do Centro de Competência de Água e Ambiente do Grupo TPF

1. A nossa integração no Grupo TPF, que tem trabalhos de Consultoria de Engenharia em todos os continentes, e a partilha das experiências e soluções aplicadas nos múltiplos sectores, que foram abordados na COP26 todos eles interligados, permite-nos ter uma visão abrangente e crítica do que vamos encontrando no nosso Planeta. A água está ligada à energia, quer pelo lado da produção, quer pelo lado do consumo. No primeiro caso está a hidroeletricidade que, sendo um uso renovável, urge fomentar nos países ainda em desenvolvimento. Do lado do consumo, encontram-se as bombagens e as dessalinizações da água do mar que, para ser convertida em água potável, exigem consumos de energia elevados. Devem ser priorizados a geridos com especial cuidado os recursos de água doce, pelo menos enquanto a energia "limpa" continuar a ser um bem escasso. Por outro lado, os sistemas de saneamento básico continuam baseados em soluções pensadas para afastar as águas residuais das cidades e que terminam em instalações de tratamento que consomem muita energia. O aproveitamento dos recursos existentes nas águas residuais será relevante para melhorar a circularidade do círculo urbano da água.
2. Um aumento da temperatura média mundial irá aumentar a disponibilidade de água doce no mundo e não o contrário. Isto é assim porque o aquecimento introduz mais energia no ciclo hidrológico, aumentando a precipitação global. Podem, porém, surgir problemas, porque a distribuição temporal e espacial da chuva é assimétrica, podendo o padrão mudar. Ou seja, poderá haver locais que se tornam um pouco mais secos, ao passo que outros se tornam significativamente mais húmidos. Não há maneira de saber "onde" nem "quando", ou mesmo "se". Quanto a Portugal, não somos um país com escassez de água. Muito pelo contrário: como se pode ver no Plano Nacional da Água, as disponibilidades são muito superiores às necessidades e é de esperar que assim continue. O nosso problema é outro: temos um regime de chuvas muito irregular, com períodos de grandes caudais alternados com períodos de seca. Precisamos de investir no armazenamento de água e de gerir bem este último. O Alqueva é um ótimo exemplo do que precisamos.

JOSÉ FURTADO
Presidente do grupo Águas de Portugal

1. A água é o bem mais precioso, essencial à vida no planeta, com uma importância transversal para a sociedade, a economia e o ambiente. A perceção do valor da água acentua-se perante o agravamento da escassez de água e dos fenómenos climáticos extremos, como cheias e inundações ou fogos florestais, ou ganha preponderância em fenómenos sócio-políticos como migrações, conflitos e guerras.
A falta de água ou a água em excesso são consequências diretas das alterações climáticas, pelo que surge sempre, com maior ou menor evidência, a água em pano de fundo na discussão sobre a urgência da neutralidade climática necessária para reverter os impactos negativos das atividades humanas no clima da Terra e no funcionamento dos ecossistemas que caracterizam o Antropoceno.
Acresce ainda que o agravamento no nível da poluição difusa requer um tratamento cada vez mais intenso da água para torná-la utilizável, processo altamente consumidor de energia e, consequentemente, potencialmente gerador de emissões.
A recente cimeira de Glasgow, cujos resultados ficaram aquém do que cada um de nós desejaria, evidenciou bem quão importante se revela essa necessidade de promover a maior convergência possível entre as nações na prossecução do interesse da humanidade.
Cabe-nos também a cada um de nós, no respetivo espaço próprio de atuação, a quota-parte de responsabilidade para, de forma autónoma ou articulada, mobilizando terceiros e ou integrando dinâmicas da sociedade, prosseguir o objetivo comum que é o de garantir a sustentabilidade do planeta e assim o bem-estar das gerações vindouras.
2. Em Portugal, um pouco como no resto do mundo, a água disponível para consumo humano, direto ou indireto, tem uma distribuição desigual. É na região Sul, onde se regista menor precipitação e temperaturas mais elevadas, que são mais evidentes os cenários de escassez, mas também a Norte se tem vindo a observar fenómenos climáticos extremos com impactos muito negativos. No Alentejo e no Algarve, nomeadamente, estão desenvolvidos planos de gestão hídrica onde se integram soluções como, por exemplo, a otimização das reservas superficiais, a interligação de sistemas, a diversificação de origens, a utilização de água residual tratada para regas e outros usos compatíveis, bem como a sensibilização dos utilizadores para usos eficientes.

PUB

O Jornal Económico não mudou, transformou-se.

Descubra a melhor forma
de estar informado
em **jornaleconomico.pt**

O Jornal Económico

O conhecimento transforma.